

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Notas introdutórias da entrevistadora

Este texto é, antes de qualquer coisa, uma conversa de duas amigas travestis. A gente se conheceu em 2024, a partir do 1º Programa de Ativismo Trans do Ateliê TRANSMoras, e aprofundamos nossa relação a partir da Residência Artística Transancestralidade (edital ProAC nº 15/2024), em 2025.

As irmandades travestis são pontos de nascente de água doce no meio da secura da cisnormatividade dominadora do mundo. Dorot sempre me encharcou. Tenho dito faz algum tempo que como uma boa carangueja-canceriana, me movo para tentar aprender com a água: saber correr pelo meio das pedras, mas também saber bater até que fure. Saber quando arrebatara feito onda e quando infiltrar devagar. Este texto também é sobre isto: somos intelectuais, que aqui tentamos no debater da desobediência registrar uma memória de tecnologias silenciadas. Esse é um texto oral, como boa sabedoria travesti, e é transcrito para tentar infiltrar as durezas do arquivo letrado.

Temos tantas tecnologias que possibilitaram nossa chegada até aqui. Sobrevivemos por muito tempo nas sombras e ocupamos as luminosidades proibidas do dia como seres noturnos criados para morte, mas que se recusaram a isso. Pensadas como seres de vida curta, queremos engolir o mundo. Engolir tudo que parecia não poder ser nosso. Se somos chamadas de ladras, é porque talvez teve algo que quisemos desesperadamente retomar: pegar de volta nosso direito à vida.

Essa entrevista é para além de tudo uma dedicatória de como precisamos celebrar nossas vidas. Vejo em Dorot a aquosidade que vejo em mim e que vejo em muitas de nós. A fluidez. O líquido que possibilita a vida. Nosso desejo de vida é muito maior que qualquer projeto de morte.

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Entrevista

Ronna: Ein, primeiro de tudo, quem é Dorot Ruanne?

Dorot: Dorot Ruanne é uma travesti, artista multidisciplinar, graduanda de ciências sociais (UFPB), articuladora cultural, educadora social. Tô como Agente Territorial de Cultura do Programa Nacional dos Comitês de Cultura (PNCC) do Ministério da Cultura do Brasil (MinC), e sou pesquisadora têxtil, mãe-fundadora da Casa da Baixa Costura. Paraibana, nasci no agreste paraibano, na cidade de Campina Grande, na rainha da borborema, mas atuo no litoral paraibano, na cidade de João Pessoa, aproximadamente 8 anos, 10 anos mais ou menos, enfim, não gosto também de me colocar nesse lugar de “onde eu tô”, “onde eu não tô”, “quem eu sou”, mas o que eu to fazendo, né? É isso que eu tô fazendo até o momento.

Sou uma Travesti sonhadora também, sabe? Sonho muito, mas também tenho meus pés no chão, sonhar na terra é rastejar e desvendar os mistérios, preservar os mistérios. Dorot Ruanne, a travesti do fim do mundo.

Ronna: E onde é que nasce tua relação com a costura?

Dorot: A minha relação com a costura, acho não, eu tenho certeza, vêm desde a minha infância, eu sou neta de costureira, minha mãe, ela trabalhou em fábrica de costura também, minhas tias trabalhavam revendendo roupas. E eu quando era criança, a primeira coisa que eu fiz... primeira coisa não, mas que eu muito fazia, minhas primeiras brincadeiras que eu tenho memória é de botar pano na cabeça, né? Pra ser o meu cabelo, querida. Então, assim, a costura, o tecido, o têxtil tá na minha vida, tá no meu DNA, tá no meu sangue desde a minha infância, ou até mesmo antes de eu ser formada nesse corpo, esse corpo travesti, esse corpo humano, esse corpo em projeto de humanização. E quando eu era criança, tipo, eu brincava muito com a minha avó, enquanto ela costurava na máquina de overlock, eu brincava de cachoeira com o lixo que descia da máquina, eu pegava os resto dos tecidos que caia, que ela cortava, brincava com a linhas. Esses eram os meus brinquedos, com o que queria brincar. Eu não queria brincar

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

de carrinho, não queria brincar de boneca, se eu brincasse de carrinho era pra eu destruir, brincar desmontando. Já brincar de boneca era cortando os cabelos das bonecas, deixando elas de cabelo arrebitado e rasgando as roupas, né? Pra ficar botando esses pedaços de tecidos, fazendo outras roupas nelas. E desenhava também. Gostava muito de desenhar. Acho que essas coisas estavam presentes na minha infância e fala muito sobre a minha história com a costura em si.

Na minha adolescência, a costura tava presente no sentido de eu customizar minhas roupas que tinham uma aparência masculina. Roupas que a indústria, que o mercado diz que é masculina. Eu customizava, eu cortava. Então aquilo é uma coisa que me conecta com a costura nesse lugar.

E eu cresci assim, nesse lugar de customizar peças, nessa estética mais punk mesmo de pegar um jeans e botar um preto por cima, costurar a mão, sabe? Fazer uns desenhos. Isso foi moldando a minha identidade com esses rolês.

Lembro também de ir pra feira, Feira da Liberdade, na cidade de Campina Grande com a minha vó. Ter passeios de comer pastel com refri, sabe? Enquanto minha vó tava trabalhando e eu ia pra lá com ela, e eu dizia que tava trabalhando igual. De brincar com as máquinas quando minha mãe me levava pra trabalhar, na fábrica em que ela trabalhava. Nossa, tô amando falar sobre isso que to recordando também e é bom externalizar esses bafos.

No período da minha adolescência, eu descobri Arte Drag. Eu me montava, eu botava uma peruca na minha cabeça, botava aquelas blusas que eu customizava, uma sainha, um saltinho e saía na rua. Aí depois, eu comecei a me montar mais, botar mais maquiagem e encontrar a arte drag enquanto uma resposta pra poder eu ser quem eu era, mas ao mesmo tempo de esconder quem eu era, sabe? Tipo, de proteger quem eu era, uma forma da minha criança falar também ali. E eu não queria usar roupas de drags de “mulher”, de mulher tipo a indumentária que a indústria diz que é de mulher. Então, começava a customizar roupas também, fazer roupas com outras coisas, com plástico, com folhas, sabe? E ainda ousou dizer que talvez a costura esteja na minha vida desde criança, voltando, porque ao mesmo tempo que eu colocava o pano na minha

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

cabeça, eu também fazia os vestidos, com as toalhas, assim, botar o roupão, uma toalha, pra mim era o auge, porque eu tava botando algo em mim, eu tava reconhecendo a minha mulher, no shay.

Nesse rolê da Arte Drag também, eu entro na faculdade de design de moda e meio que desaprendo algumas coisas, aprendo outras. E, enfim, a costura sempre esteve na minha vida, amiga. Na real, quando eu paro pra pensar em tudo, ela faz parte de mim, é o meu DNA, é o meu sangue. É quem eu nasci pra ser mesmo, sabe? Acho que... é algo espiritual, a costura tá na minha vida. É Transancestral.

Ronna: Bicha, cê falou da Casa da Baixa Costura, me conta, quando nasce a CBC?

Dorot: A Casa da Baixa Costura, ela nasce antes de ser Casa da Baixa Costura, eu era Casa das Perlutanas, que era um espaço, um coletivo de drags muito inspirada nas Dzi Croquettes, “Paris is burning”, ali a gente já tava fazendo o início de uma cultura Ballroom, eu tava me entendendo enquanto mother, mas eu não era mother, era uma filha, inclusive uma boa filha. Minha mãe travesti, minha mãe de vida é a Lilith, uma pessoa muito importante na minha vida, em quesito de quando eu comecei a transicionar, fazer as artes drags também, viver essa mulheridade transgênera, viver essa travestilidade, travecar entre o sistema até a pessoa que eu tô hoje que possivelmente não vou tá daqui um tempo, espero que seja [som de beijo travesti] linda tal qual.

Aí a Casa da Baixa Costura nasce nesse contexto. E é precisamente no ano de 2017, quando eu tô meio que nessa transição de continuar ou não na faculdade de moda, sobre como eu continuo também, por questões financeiras e tal, também de se reconhecer no curso, enfim. É onde nasce a Casa Baixa Costura. Nasce com essa vitrine, como esse coletivo de artistas transdisciplinares, onde a gente atua em diversas áreas, que vai desde a performance a produção audiovisual, produção cultural, empreendedorismo, economia criativa... A Casa da Baixa Costura nasce dessa fusão de perlutanas, de KIKA, que era uma festa que acontecia também onde os nossos corpos transdisciplinares, nossos corpos travestis se encontravam, pra poder não viver essa

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

identidade cis-hetero-normativa, sabe? Poder ser monstra, reivindicar nossos direitos de ser monstra, de ser uma pessoa que não é nem homem nem mulher, somos bichos, somos bichas, somos aliens. E é nesse espaço que a Casa da Baixa Costura nasce mais pra frente. E nasce já com esse fundamento de Cultura Ballroom também, nasce com esse transaquilombamento dentro da cidade João Pessoa, onde a gente começa a entender também como que a gente pode produzir arte travesti, como que a gente pode produzir ciência travesti, como que a gente pode produzir vida travesti e para além da travesti, né? Como que a gente pode produzir vida trans dentro desses espaços, dentro desses lugares.

A Casa da Baixa Costura, nesse contexto paraibano, e eu sempre falo paraibano, porque ela não nasce em lugar específico, ao mesmo tempo que eu tava em João Pessoa, eu tava em Campina Grande, eu tava em vários locais. Tava nessa transição entre agreste e litoral. Nesse início, também, da nossa casa, a gente falava muito sobre moda, a gente dava muita oficina de estética, pensando monstruosidades, pensando na pedagogia do lixo, na arte drag, na arte performática, na arte visual, no próprio corpo também, tensionando o nosso corpo dentro desses espaços. Acho que é isso mesmo, esse contexto. A Baixa Costura é o futuro. A Baixa Costura é o agora, no shay. A Baixa Costura é o covil de feiticeiras, cientistas, alquimistas, brujas, afro-pindorâmicas.

Ronna: Chic [som de beijo travesti]! E aí, quando é que a transmutação têxtil entra na tua vida?

Dorot: A Transmutação Têxtil chega na minha vida quando eu entendo como que funciona a indústria da moda, é quando eu entendo como funciona o mercado de trabalho pra pessoas trans, é sobre como eu entendo e como eu vivencio, principalmente, o viver travesti dentro de uma sociedade cis-hetero-normativa, etnocêntrica. E que vive produzindo necropolíticas com os nossos corpos. E que a gente muitas vezes normatiza ou, às vezes, não tem como falar, não tem como denunciar, enfim, vai encontrando outras formas. E eu encontro também uma outra coisa que as pessoas podem confundir com Transmutação Têxtil, que é o upcycling. Quando a gente pensa “Transmutação Têxtil”, a gente tem que pensar de onde tá vindo as coisas. E

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

quando eu falo “Transmutação Têxtil”, eu tô pensando justamente esse não lugar do upcycling, esse não lugar dessas necropolíticas, esse lugar que não é essa moda sustentável que upcycling vende, que o mercado vende, que a indústria vende. Eu tô aqui pensando na Transmutação Têxtil enquanto parte desse DNA têxtil que funda a Baixa Costura, sabe?

Eu conheço essa terminologia Transmutação Têxtil, que eu ouvi pela primeira vez, foi entre 2015 a 2016, quando eu conheço o Atêlie TRANSmoras, porque eu conheço o Atêlie TRANSmoras desde 2015. E em 2017, eu já sei o que é a Transmutação Têxtil, por eu já ver, por ter vindo de lá, ter escutado, pensado nesse lugar pela Vicenta Perrotta que é a fundadora/criadora do Atêlie TRANSmoras.

Então é onde a minha pesquisa, também, nesse têxtil começa a fazer sentido. De entender onde o meu corpo ocupa que não é o lugar do upcycling, não é o lugar da alta costura, não é o lugar de se alimentar bem, também, pensando que a gente tá num território, onde vive sobre lixo, a gente tá vivendo sobre o lixo. E o viver sobre o lixo, dentro desse território da terra que pensa, não tem nada a ver com o upcycling. Porque o upcycling, essa moda digital, essa moda vegan, ela ainda não é acessível, ela não é acessível no sentido de: quem são as pessoas que vendem esse lugar? E pensar a Transmutação têxtil é pensar na parte desse sistema que dá origem a Baixa Costura, pensando que a baixa costura, ela tá nesse organismo sistemático, nessa célula têxtil, nessa célula mãe, que vem dialogando com as epistemologias do Atêlie TRANSmoras, entrelaçando com essa rede da VouAssim, da Pimentel. E vai saindo várias pessoas desses organismos, dessas células, que falam sobre esse lugar, que geram vida através do lixo têxtil, do resíduo, da Transmutação. E desses lugares vão saindo outros transmutadores que são outras células. São outras pessoas que vão produzindo, que vão entendendo esse fundamento, que vão entendendo as técnicas de costuras, as estratégias de sobrevivência, as epistemologias. Porque pensar a Transmutação Têxtil é pensar esse acabamento.

Dessas transmutadoras vão se transformando e vão saindo multiplicadoras. Que são as pessoas que estão dentro desse sistema que vai contra o movimento da moda, um movimento decolonial. A Baixa Costura vêm produzindo a própria cultura no território brasileiro, no

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

território da América Latina, em território Sudaca, no shay. Vêm se gerando impactos dentro desses microterritórios, e relativos a esses impactos, vêm sendo gerados em territórios como Ballroom, a Baixa Costura se funda e nascem transmutadoras, nascem multiplicadoras e multiplicadores. E têm os organismos, têm as células que organizam esse sistema todo que é a Baixa Costura, que são pessoas que estão transcendendo a Transmutação Têxtil do lugar da estética, da técnica de costura para o lugar de técnicas e práticas nas artes visuais, na ciência, nas artes plásticas. No mercado de trabalho também, pensando na Transmutação Têxtil.

Muitas pessoas entendem, por a gente estar vivendo sobre a perspectiva da pedagogia do lixo que a gente tá romantizando determinados locais, ou a gente tá sendo desleixado, enfim, descuidado, algum nome bonito pra isso. Quando na real, é só o equilíbrio do babado. E pensando que no território que a gente vive, a gente não se alimenta direito, e a gente não se alimenta direito porque, pensando nordeste, Paraíba, o que a gente produz não vêm diretamente pra gente, vai vir primeiro pro lado do sudeste, só que até mesmo antes de vir pro sudeste, dos nossos territórios Brasil, vai pro Norte Global ou vai pra Europa e, depois, que volta pra cá e a gente consome isso, esse lixo, esse resto. Aí o que as pessoas produzem de têxtil, chega pra gente um fast fashion fudido, de lixo, roupas fracas e têm territórios aqui na América Latina, tipo, o Atacama que vive sob o maior lixão têxtil do mundo, mar de lixão, um mar de lixo têxtil do Norte Global, da Europa. E ao mesmo tempo, a gente vive sobre esse lugar de romantizar essas epistemologias etnocêntricas que fundam essa moda sustentável, que dita esse upcycling e pensar a Transmutação Têxtil é justamente ir contra isso. É denunciar, é chacotiar, é ser ordinário com esse movimento, é debochar com esse movimento que não insere os nossos corpos trans dentro de suas políticas de vida, de sustentabilidade.

Então, a gente vai criando os nossos próprios sistemas. É dentro do Ateliê TRANSmoras, do ateliê Casa da Baixa Costura, da VouAssim e de vários outros micro-ateliês que vão saindo as transmutadoras, essas multiplicadoras que fundam esses sistemas de baixa costura que é como dita nossa moda atualmente, como dita os nossos corpos transvestigênere, aqui do Sul Global. Como a gente tá pensando, né? Porque a gente tá pensando, também, essa Baixa Costura, essa

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Transmutação Têxtil nesse lugar de impacto ambiental. É através de biojoias que a gente pode mudar o mundo, também, é através da Transmutação Têxtil, através das técnicas da Transmutação Têxtil que a gente pode diferenciar. É deixando aquela linha amostra das roupas, é descolonizando nossa forma de pensar, de agir, de ser. Pra que a gente possa se emancipar enquanto seres humanos que vivem sem essas amarras sociais, sabe?

Ronna: Ein, cê falou disso, então agora conta mais, o que a ballroom significa na tua vida? Fala um pouco sobre ser mãe na Casa da Baixa Costura e na House of Laurent.

Dorot: A Ballroom me deu sentido pra eu ser quem eu sou, desde me empoderar enquanto uma articuladora cultural, enquanto uma produtora de moda, enquanto ser humano no mundo. A Ballroom pra mim é esse organismo, essa celebração de vida, esse manifesto de vida transvestigênera que dá voz pra muitas pessoas que precisam dessa comunidade, que precisam da cultura Ballroom. É um mundo, porque a Ballroom é, literalmente, a gente viver contra esse Estado, é um espaço onde a gente tem as nossas próprias regras, as nossas próprias nomenclaturas de gênero, as nossas próprias estéticas que surgem da Cultura Ballroom. É literalmente a gente estar nesse movimento contracultural, nadar contra a maré. É falar de vida dentro de um território. É preparar a gente pra esse território da cis-hétero-normatividade, porque a gente vive o tempo inteiro sobre lugares que não dizem sobre nós, não são sobre nós. É dentro da Ballroom, também, que eu me vejo enquanto mãe. O que significa pra você ser mãe na Baixa Costura e na House of Lauren? Ser mãe de duas casas dentro da Cultura Ballroom. Porque a Ballroom é um próprio mundo. A Ballroom se divide em alguns estágios, tipo: estágio Kitty, gatinho, que são cenas novas, que estão engatinhando, estão começando a crescer; a cena Kiki que é a cena brasileira, onde temos nossa maior cena brasileira, onde a Casa da Baixa Costura se consolida enquanto uma casa vanguardista, no movimento Ballroom, pioneira em vários conteúdos, assuntos, fundamentos sobre moda, sobre a categoria Fashion Killa, ressignifica a categoria Fashion Killa dentro da Cultura Ballroom, pensando as necessidades, às urgências e emergências daqui do Sul Global. A cultura Mainstream, onde sou mother da The Legendary House of Lauren fundada em 2001, pelo Legendary OverallFounder Antonio Lauren, de Chicago-Boston, um transmasculino realness. Realness dentro da Cultura

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Ballroom é quem dita o gênero da Ballroom, dentro do mainstream, muitas vezes a categoria Realness é sobre passabilidade, sobre aquela famosa frase: “engana ou não engana”, se você engana você é realness, no shay.

Quando a gente chega na Kiki aqui do Brasil, a gente começa a entender essa realness como uma outra forma. Eu vejo que é importante a gente entender a Cultura Ballroom nesse lugar da realness travesti, da realness da transmasculinidade boyceta, dessas outras transmasculinidades, dessas outras identidades travestis que elas não estão dentro dessa figura feminina que é como é dividido o gênero Ballroom, figura feminina, figura masculina. Dentro dessas figuras existem essas expressões de gênero, as identidades de gêneros. Isso foi inventado/criado a muito tempo atrás na década de 70, 60, pelas mulheres trans negras e travestis latinas que estavam naquele circuito Nova Yorkino do Baile Renaissance lá na década de 20, 30, onde aconteciam esses bailes de efervescência negra. Mas na década de 60, com a Crystal LaBeija que isso se reverbera, fica maior, se potencializa com a primeira House, a House of LaBeija, temos o primeiro baile anual que é o Ballroom da House of LaBeija.

Chega no Brasil, a Ballroom, em meados de 2013, 2015, tá ali fervendo isso aqui, acontecendo os primeiro burburinhos em vários territórios. A CBC nasce em 2017, aqui, na Paraíba, e vem se firmando cada vez mais enquanto House Ballroom em 2020, quando começa nascer outras casas da Cultura Ballroom, quando minhas filhas saem, quando minhas filhas, a Ayira, Gabi e Sizzzer, saem da Baixa Costura e montam a Casa das Benvenutty e a gente começa a ter esse circuito de casas. Porque a gente entende que pra gente viver em comunidade Ballroom, a gente tem que dar sentido ao sentido de comunidade, que é ter essas Houses, esse coletivos, essas associações, que é ter essas identidades se reverberando.

Dentro da Cultura Ballroom eu posso ser uma travesti, mas eu também performo a Femme Queen. Por eu ser uma travesti eu performo a Femme Queen, mas isso não quer dizer que eu seja Femme Queen. Porque Femme Queen realness, eu diria que é sobre acesso, quanto mais acesso você tem, mais cirurgias você faz, mais procedimentos estéticos você faz, mais você se transforma, mais você transiciona o seu corpo esteticamente, fisicamente pra aquilo que você deseja. A transição de gênero aqui no Brasil, a gente discute aqui no Sul global de um outro ponto. A gente discute a transição de gênero como algo espiritual, algo mental, algo além, não é só o nosso corpo que quer determinados acessos, mas o nosso corpo-espírito também quer

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

estar nesses outros espaços, transicionando levemente. A transição não é só determinadas cirurgias, determinados procedimentos, a transição ela é contínua, acho ignorante pensar a transição como determinados pontos.

É nesses lugares que a Ballroom tá na minha vida, de entender determinados pontos, de entender em qual lugar que eu posso me encaixar, onde eu posso viver o meu mundo da Baixa Costura, onde eu posso criar a minha realidade, minhas redes, criar os meus contatos, criar as minhas pontes.

Ser mãe é uma coisa que eu nunca pensei, ser mãe. Ser mãe da Cultura Ballroom é ser tipo mãe de santo, ser Yabá, você ser Babalorixá de espaços de matriz africanas, é ancestralidade, é transculturalidade o nome disso que a Cultura Ballroom traz pra gente. Esses laços que se constroem, esses parentescos estranhos que a sociedade nos coloca nessa margem. É a gente pensar, ser mãe na Cultura Ballroom, eu me pergunto muito: eu poderia ser mãe, eu travesti? Eu, pessoa que não tive tanto carinho paterno, poderia ser mãe? E quando eu vejo minha casa crescendo, a Casa Baixa Costura na cena brasileira, que não tá só na Paraíba, a gente tá em Pernambuco, estamos no Rio Grande do Norte, estamos no Tocantins, estamos no Espírito Santo, ou seja, criando redes em nível nacional, em território afro-pindorâmico, estamos efervecendo isso. Pensar também que quando a Cultura Mainstream me abraça, já me abraça também nessa figura materna em um momento em que eu preciso ser acolhida, eu sou acolhida tanto enquanto filha, também sou acolhida enquanto mother, de pessoas me vendo nesse lugar de mãe, acaba que a gente tem esse respeito mútuo, vivendo essa maternidade na Cultura Ballroom de maneira Transmutada e transformadora, a gente não reproduz hierarquias, como muitas vezes a gente vê amores maternos abusivos, amores de filhos abusivos, tóxicas relações parentais dentro da Cultura Ballroom, essas relações, elas não são bem vindas, por a gente já vir desse espaço de vulnerabilidade, a gente criar nesse contracultura estatal, a nossa realidade, a nossa cultura, o nosso ver e viver no mundo, no shay.

Ronna: Amiga, e como você vê o futuro das vidas trans no Brasil?

Dorot: Eu acho que a gente tem um futuro... pensar no futuro, na real, é pensar o agora, sabe? Porque eu paro pensar o tanto de coisa que eu tenho acesso, que você minha amiga Ronna tem

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

acesso, que nós temos acesso, enquanto pessoas trans, hoje em dia, e quanto sangue não foi derramado pra que nós tivéssemos, quantos hospícios foram lotados para que a nossa comunidade pudesse falar e existir, né? Eu costumo dizer que o Brasil é um território sagrado e onde tem pessoas trans, onde tem travestis, o solo é mais sagrado ainda. E esse território foi banhado de sangue. E esse sangue tem falado, esse lixo tem falado. Essa margem tem gritado, tem uivado, estremeceu o centro do nosso território e a gente tem elegido uma força muito forte que eu não sei, eu não consigo falar de um futuro, eu consigo falar de um agora. Olha como que a gente tá, olha as coisas que estão acontecendo agora com a gente, tá rolando muitos cortes de verbas pra nossa comunidade, de apoio de ONGs, de instituições. Os nossos números de violência ainda continuam aumentando. Falar de futuro é fabular vida, é o pensar na Transmutação Têxtil, na pedagogia do lixo enquanto epistemologias de vida, que garantam o nosso futuro, o nosso futuro não é só viver, não é só sobreviver, é existir em excelência. Uma excelência que foi construída, que está sendo construída, que ainda dói viver trans no Brasil, é doloroso, mas essa dor tem se transformado em vida, em axé. As nossas epistemologias trans, a gente tá forjando nas encruzilhadas da ciência, da Quimbanda, do Candomblé, da Jurema Sagrada, do truque, das línguas outras, das transnógrafias, é onde a gente tá forjando o nosso futuro. Porque pensar vidas trans no Brasil é pensar o Brasil da liberdade.

Eu almejo um futuro, onde eu não precise me afirmar que eu sou trans, onde eu não precise dizer que eu sou travesti, onde eu tenha projeto de humanidade. A Pedagogia do Lixo, a Transmutação Têxtil é um projeto de humanidade, de emancipação para as vidas trans. Porque é a gente descolonizar o nosso desejo de ser aceito, porque eu só sou trans porque alguém falou que eu era trans, eu desejo viver em um mundo onde eu não seja trans, pensando onde a gente não pense cisgeneridade, onde eu não pense transgeneridade enquanto fatores principais, mas eu pense emancipação humana. Porque é preciso pensar identidade no lugar de quem somos nesse território chamado Brasil. O nosso trauma como Castiel fala em “quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude”, começa muito nessa violência que é exportada, que é migrada, que é transatlântica, que navega. Pensar esse futuro é pensar esse mergulho nesse mar, é emergir na memória do retorno enquanto sistema de vida, organismo de vida, é potencializar

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

as micro-organizações transvestigêneres que acontecem no país. É pensar um Traviarcado, não é pensar um patriarcado na visão masculina, não é pensar um matriarcado, é destruir essa visão masculina: macho/fêmea, homem/mulher. E a gente construir um projeto de humanidade onde almejamos emancipação humana, transformações sociais, onde a gente possa ser como a terra, que transmuta, que se adapta, que os conflitos não destrói, mas reconfigura.

Pensar o futuro trans é construir no agora esse projeto de emancipação humana. E a gente tá fazendo isso. Estamos em todos os locais, estamos infiltradas em todos os locais, mas a gente não tá querendo dominar, nem controlar, nem fazer nada disso. Parece que a gente tá construindo pensando só em nós pessoas trans, mas é porque a gente tá dando um recado pra humanidade de que a gente é um reflexo do que a cisgeneridade construiu. Esse reflexo, ele é transmutador e ele dói pra quem não acompanha. Como Ventura Profana diz: “Não adianta ungi, quem não obedece o caos”.

Ronna: Pensando em tudo isso que a gente trocou aqui, que cê contou de você e das tuas experiências, pensando nas nossas potências enquanto comunidade, queria saber de você, na tua perspectiva, qual é uma das nossas maiores tecnologias trans brasileiras?

Dorot: Nossa, pensar as potências, enquanto comunidade, uma das maiores tecnologias transbrasileira que eu vejo, é a tecnologia da Transmutação Têxtil. É a epistemologia da pedagogia do lixo. Eu falei sobre isso antes, mas tô só reforçando novamente, porque eu acho que é a maior tecnologia que a gente tem. Porque a tecnologia transbrasileira, é uma tecnologia social de impacto ambiental. Travesti é natureza, transmac é natureza, pessoas trans são natureza. E o lixo tá fazendo parte da natureza, transmutar o lixo, ressignificar os resíduos têxteis, repensar o que fazemos, refletir sobre quem somos é uma tecnologia que faz com que construamos outras linguagens. A maior tecnologia transbrasileira é a vida travesti, é a vida transvestigêneres na real, sabe? Tudo que a gente faz é uma tecnologia potencializadora e que é preciso nós estarmos articuladas em redes, tramadas à fios transancestrais que formam essa trama têxtil, esse DNA, esse sangue, latina, aloka. Esse sangue que corre, é o nosso sangue. Diria que essa é nossa maior tecnologia.

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Notas finais

Esta conversa é, antes de tudo, um rastro vivo do que acontece quando nós, pessoas trans, contamos nossas próprias histórias e sentamos para pensar o mundo a partir de nós mesmas. No vai-e-vem entre memória, técnica, corpo e território, o que emerge é uma epistemologia trans, pulsante demais e desobediente para caber em qualquer molde pré-estabelecido. Esta tecnologia aparece como herança e como feitiço, como código transancestral que insiste em estar presente e vibra, como uma língua que a gente aprende antes de saber que tá aprendendo.

É por, como diz Ventura Profana, não nos dobrarmos diante do trono de nenhum senhor, que a Transmutação Têxtil olha para o território como ele é, desigual, violento e contraditório, e responde com uma prática que tem política na trama. A transmutação é resposta e é denúncia das rotas coloniais que jogam toneladas de lixo têxtil nos corpos do Sul Global. É insurgência contra as necropolíticas que nos cercam. É linguagem afiada moldada por quem sobreviveu. E, ao mesmo tempo, é memória, é cuidado, é feitiço afetuoso que só circula entre pessoas trans que se encontram na dobra entre a linha e o mundo. Cada peça transmutada é um arquivo do território, e carrega o corpo que a inventou. Por isso transmutar é ritualizar. E é arte porque reorganiza a matéria e o sentido.

A gente criou abundância onde só deixaram sobra, criou beleza no que foi monstrificado, brotou vida onde só enfiaram morte. Isso é política de guerra, é feitiçaria de rua. E a Transmutação Têxtil é prova pulsante de que nossas epistemologias não brotam de laboratórios assépticos ocupados por pessoas que ainda tropeçam pra dizer “travesti” sem gaguejar. E é por isso que pensar o futuro das vidas trans no Brasil é ler o agora. Estamos vivas, infiltradas, espalhadas como praga sagrada, produzindo impacto, porque, no fim, o futuro já está sendo moldado por nossas mãos transvestigêneres.

O futuro da moda é a Baixa Costura

RONNA FREITAS DE OLIVEIRA & DOROT RUANNE DA SILVA
BARBOSA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 18 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 20 de dezembro de 2025